

Não é hora de manifestos *Plon. Brasil*

Um grupo de 120 empresários de todos os setores entendeu necessária a publicação de um manifesto tendente a tranqüilizar a opinião pública. Tememos que tal iniciativa, por extemporânea, venha a surtir efeito contrário, dando apenas a impressão de que as entidades de classe patronais estão reagindo com receio ao resultado, mal interpretado, das sondagens eleitorais. Não será com manifestos, inspirados pelo medo, que se conseguirá criar um clima de tranqüilidade, mas por atos que, realmente, mostrem que os empresários estão realmente mobilizados para arredar uma hiperinflação que configura séria ameaça.

A análise da situação apresentada pelos empresários é em grande parte acertada, ainda que traduza uma complacência excessiva em relação a uma conjuntura insustentável, que está a exigir medidas drásticas por parte do governo e do Congresso, e práticas, no que tange ao empresariado.

O manifesto em tela aponta um clima de normalidade, à luz de cinco argumentos. Para os empresários, não existe explosão da demanda, o que é verdadeiro agora,

embora não o fosse há alguns meses. Não se pode afirmar, porém, que esteja no mesmo nível observado no ano passado. Dizem os empresários que a produção industrial aumenta em ritmo moderado, suficiente para atender à demanda final e permitir a reposição de estoques. Visão em que os empresários parecem pecar por excesso de otimismo, ante a existência de pontos de estrangulamento no que se refere a embalagens, por exemplo, e a alguns insumos. Não nos parece hábil negar uma realidade que numerosos outros industriais estão vivendo. É verdade que os investimentos privados estão em alta, o que representa sadia reação, mas cumpriria tornar-se ciência de que a ausência de investimentos do setor público constitui grave ameaça ao futuro da nossa indústria.

Ao aludirem ao nível satisfatório das nossas reservas e à ausência de qualquer crise cambial, deveriam os empresários, de um lado, reconhecer que tal se conseguiu graças à suspensão do pagamento da dívida externa (o que dificulta ao País a obtenção de novos empréstimos), e a uma centralização das operações de câmbio, a qual, retardando a remessa

dos dividendos, afasta o capital estrangeiro do nosso meio. Considerar que a caixa do Tesouro está sob controle poderá representar o reconhecimento de todos os esforços desenvolvidos pelo ministro Mailson da Nóbrega, mas se negará uma realidade, em que o déficit operacional será superior ao do ano passado, sem que se fale do déficit nominal, que ora explode.

Tranqüilizar a Nação com meias verdades não será talvez a melhor maneira de chegar-se a um objetivo aliás muito louvável. Ante a atuação de um presidente da República que mostrou sua total incapacidade de controlar nossa economia a não ser com uma indexação que corrói os alícerces do crescimento, seria necessário que os empresários tivessem a coragem de proclamar, alto e bom som, que a presente situação não pode perdurar.

Não se vislumbra no manifesto qualquer referência à responsabilidade de um Congresso em um trabalho que melhor poderia ser acompanhado pelas entidades de classe. Tampouco se observam, no texto divulgado, princípios que permitam aos empresários verificar se realmente serão respeitados por alguns dos candidatos. Na

realidade, o empresariado está muito ausente, nesta fase da campanha eleitoral. Dele se poderia esperar a definição de uma série de medidas a serem adotadas pelo futuro presidente da República, medidas que, certamente, demandam uma fase de austeridade, o que não devemos esconder à Nação.

Reconhece o documento que a situação exige "sacrifícios e renúncia" da parte dos empresários. Reconhecimento expresso no mesmo dia em que o setor automobilístico concordou em limitar os reajustes dos seus preços em 90% da inflação do mês anterior, com ligeiro pormenor, porém: um adiamento de oito dias para esses reajustes, o que, numa inflação de 40%, significa um aumento mascarado.

Quem está comprando — cumpre perguntar — ouro e dólares para fugir às consequências da hiperinflação? Não serão, certamente, os operários das fábricas...

O Brasil precisa, realmente, mobilizar-se contra a ameaça da hiperinflação, não através de manifestos, mas de atos que independentemente da vitória de um candidato da esquerda, obedecendo apenas à fé num capitalismo com riscos.